



---

A MÚTUA IMPLICAÇÃO ENTRE ONTOLOGIA E SEMÂNTICA NA  
FILOSOFIA SISTEMÁTICO-ESTRUTURAL DE L. B. PUNTEL

---

---

THE MUTUAL IMPLICATION BETWEEN ONTOLOGY AND  
SEMANTICS IN L. B. PUNTEL'S SYSTEMATIC-STRUCTURAL  
PHILOSOPHY

---

Marden Moura Lopes<sup>1</sup>

**RESUMO**

O objetivo de nossa reflexão é explicitar que todo e qualquer empreendimento teórico e, portanto, filosófico pressupõe uma semântica e uma ontologia intimamente interligada. Querer renunciar a uma ou a outra significa renunciar a sua própria teoria. O caminho que nos propusemos a realizar foi inspirado pela Filosofia Sistemático-Estrutural, desenvolvida por L. B. Puntel em *Estrutura e Ser*. Apesar de Puntel desenvolver uma nova semântica e uma nova ontologia, a ideia da mútua implicação entre semântica e ontologia é estendida a todas as concepções desenvolvidas pela filosofia. Entretanto, a concepção punteliana se mostra mais eficaz pois desenvolve uma ideia que não implica as contradições presentes noutras teorias.

**Palavras-chave:** Semântica. Ontologia. Linguagem.

**ABSTRACT**

The purpose of our reflection is to make it clear that any and all theoretical and, therefore, philosophical undertaking presupposes a semantics and an ontology that are closely interconnected. To want to renounce one or the other means to renounce your own theory. The path we set out to take was inspired by the Systematic-Structural Philosophy, developed by L. B. Puntel in *Structure and Being*. Although Puntel develops a new semantics and a new ontology, the idea of the mutual implication between semantics and ontology is extended to all conceptions developed by philosophy. However, the puntelian conception is more effective because it develops an idea that does not imply the contradictions present in other theories.

**Keywords:** Semantics. Ontology. Language.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: mardenmoura@hotmail.com.

## Introdução

Esse artigo pretende apresentar, dentro da perspectiva da Filosofia Sistemático-Estrutural (Doravante FSE), como semântica e ontologia estão sempre interligadas, como que os dois lados de uma mesma moeda. Essa tarefa se mostra fundamental para os propósitos de uma teoria que pretende ser inteligível e coerente dentro dos critérios pressupostos por toda e qualquer atividade teórica.

A FSE de Puntel é sistematizada em seu livro *Estrutura e Ser* (Doravante EeS) e pretende articular de maneira rigorosa um quadro referencial teórico para a Filosofia. Seria impossível apresentar todas as ideias, teses e argumentos empregados no extenso livro de Puntel aqui. Assim, partimos de alguns pontos que o filósofo julga de extrema necessidade para apresentar a relação entre o campo semântico e o campo ontológico.

De início, nosso artigo apresenta a ideia de que uma teoria somente pode ser efetivada se se pressupor que o objeto de estudo a ser teorizado é, de fato, algo dizível. Assim, em nossas teorias sempre a dimensão linguística se manifesta como algo essencial em qualquer empreendimento teórico e, portanto, filosófico. Nessa perspectiva, apresenta-se a noção de quadro referencial teórico e seus componentes irrenunciáveis.

Uma segunda tarefa de nosso artigo é apresentar, concisamente, a Linguagem da qual lança mão a FSE e como essa linguagem se estrutura. Diferentemente de outras concepções filosóficas a teoria filosófica de Puntel desenvolve uma linguagem expositiva com a qual se pode teorizar tudo o que está disponível no universo ilimitado do discurso. Nessa linguagem, a dimensão semântica é compreendida como detentora do elemento central da linguagem, pois nela se revela o caráter expressivo e teórico do que está em jogo numa teoria: a linguagem é sempre linguagem sobre o real, isto é, o mundo. E o mundo é sempre o mundo que se expressa na articulação linguística.

Apoiados na concepção linguística de Puntel, na terceira parte o artigo visa demonstrar como se é concebida a dimensão semântica e ontológica da FSE e como elas estão mutuamente implicadas na tarefa de expressar aquilo que o mundo é em si. Logo de início, o artigo começa indicando como Puntel entendeu a necessidade de elaborar uma nova semântica e uma nova ontologia em detrimento da semântica

composicional e da ontologia a ela associada. Essa indicação não chega a ser desenvolvida, mas apenas pressuposta na construção de nossa reflexão.

## 1 O quadro referencial teórico da FSE

Toda e qualquer teoria bem elaborada pressupõe um determinado percurso discursivo, ou seja, um itinerário que parte da formulação de uma temática em forma de uma ou mais questões, de conceitos iniciais, de premissas e argumentos engendrados e concatenados (DAVIDSON, 2001, p. 42).

Para uma fundamentação de sua teoria, uma das primeiras coisas que um teórico deve se perguntar é: *o que meu objeto de estudo pressupõe para ser expressado/tematizado em uma teoria?* Nada pode ser objeto da tematização filosófica se não se puder falar a respeito desse dado objeto. Assim, uma teoria tem de pressupor que seu objeto de estudo seja expressável, e, uma vez que, toda teoria se articula numa determinada linguagem<sup>2</sup>, esta assume um papel central no empreendimento teórico-filosófico. Investigar os componentes irrenunciáveis com os quais uma linguagem se efetiva para poder falar sobre um determinado objeto de estudo, marca o início da atividade filosófica de Puntel.

Segundo Puntel, o itinerário do discurso filosófico é um empreendimento estritamente teórico, ou seja, a atividade filosófica enquanto tal difere de outras atividades por ser exclusivamente uma atividade teórica<sup>3</sup>. Desde seu início, a Filosofia concebeu a si mesma como um modo de saber universal o qual não punha barreiras para a sua efetivação. O programa metodológico da FSE proposto em *Estrutura e Ser* é aclarado por Puntel quando afirma que “a meta de ES é elaborar o que no subtítulo de ES é denominado um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática”

---

<sup>2</sup> Puntel afirma que: “Um elemento pura e simplesmente irrenunciável do quadro teórico sistemático-estrutural é a *linguagem*. Ela constitui, em qualquer aspecto importante, o centro do quadro teórico.” (PUNTEL, 2011. p. 152). A referida obra, *Ser e Deus*, de agora em diante será citada no texto como **SeD**.

<sup>3</sup> “[...] deve-se supor e diferenciar entre três tipos de atividades, atitudes ou modos de exposição fundamentais, igualmente originários, não redutíveis uns aos outros nem a qualquer outra coisa: teoricidade, praticidade e esteticidade. A primeiríssima condição a ser preenchida para que se logre esboçar e empreender um programa filosófico significativo é que a filosofia se já concebida rigorosamente como empresa teórica e não seja confundida com empresas oriundas de algum dos dois outros tipos de atividades, atitudes ou modos expositivos.” (PUNTEL, 2008. p. 33-34). A referida obra, *Estrutura e Ser*, daqui para frente será citada no texto como **EeS**.

(PUNTEL, 2009, p. 48). Mas de início cabe a pergunta: O que é uma Filosofia sistemática estrutural?

Puntel não nos vai dar uma definição formalizada em termos/símbolos lógicos do que seja a FSE. Não obstante, ele propõe uma definição informal do que já seja esta filosofia. Neste sentido, podemos entender *EeS* como o cumprimento do programa que é articulado pelo que Puntel chama de quase definição no sentido de uma definição programática, ou seja, *EeS* é a explicitação do que é dito aqui em seu início, na quase definição (Q-DEF) da FSE. Segundo Puntel “(Q-DEF) a filosofia sistemático-estrutural é a teoria das estruturas universais (mais gerais) do universo do discurso [=universe of discourse] ilimitado” (*EeS*, p. 33)<sup>4</sup>.

*EeS* começa explicitando o que toda e qualquer teoria pressupõe para receber o *status* de teoria, isto é, os componentes do quadro referencial teórico com o qual opera, a saber, o quadro referencial teórico que qualquer coisa que esteja disponível no universo do discurso poderá ser tematizada.

Este *quadro referencial teórico* enquanto tal é constituído de uma *Linguagem* (na qual uma sentença é elaborada na linguagem específica), uma *Semântica* (a sentença dá as palavras que a formam um significado valorativo específico), uma *Lógica* (as palavras das sentenças seguem uma encadeação ordenada e referida a certos níveis de raciocínios) e uma *Ontologia* (o enunciado efetivado se refere ao mundo-em-si, daí a teoria emergente dizer respeito à realidade mesma, às entidades, aos domínios objectuais) (Cf. HERRERO, 2012, p. 210)<sup>5</sup>.

Destarte, tudo que teorizamos dentro de um quadro pressuposto é possibilitado pela esfera à qual ele se refere, todavia a esfera a qual o quadro teórico se refere é compreendida justamente pelo fato de o quadro estrutural ser elaborado ou explicitado frente a esta dimensão: *o universo do discurso ilimitado*.

---

<sup>4</sup> Puntel segue destrinchando os conceitos que compõem esta Q-DEF. Aqui nos contentamos simplesmente em apresentar a Q-DEF para que se tenha em mente o que pretende inicialmente a FSE.

<sup>5</sup> Puntel evidencia o exposto da seguinte maneira: “pode-se dizer que um quadro teórico compõe-se essencialmente de quatro elementos: uma linguagem, uma sintaxe/semântica, uma lógica e uma ontologia e teoria do Ser (onde por “ontologia” entende-se tão somente uma teoria dos seres/entes). Muito filósofos consideram também a teoria do conhecimento (epistemologia) como um quinto elemento. Segundo a filosofia sistemático-estrutural a dimensão epistêmica não constitui uma parte essencial de uma teoria.” (PUNTEL, 2015, p. 373).

As Sentenças que qualquer teórico infere sobre determinado objeto de estudo são sentenças expressas dentro de um quadro referencial teórico<sup>6</sup>, é muito importante ratificar essa ideia de imediato.

O quadro referencial teórico apresentado em *EeS* constitui um quadro concreto ou completamente determinado, todavia ele se nos apresenta no início do livro como um quadro abstrato (ainda não terminado), uma vez que só teremos a plena inteligibilidade deste quadro quando as estruturas do mundo estão completamente determinadas no arcabouço do quadro teórico da FSE.

Como absolutamente nada pode ser objeto da tematização filosófica se não se puder falar a respeito do que se tem em vista teorizar, uma teoria tem de pressupor que aquilo que deseja tematizar seja expressável, e, uma vez que, toda teoria se articula numa determinada linguagem, esta assume um papel central no empreendimento teórico-filosófico.

Uma linguagem adequada se apresenta de início como um componente essencial de toda e qualquer teoria e em geral de todo discurso teórico, porque uma teoria ou um discurso teórico deve ser articulado linguisticamente, isto é, por meio de todos os componentes que uma linguagem pressupõe (Cf. PUNTEL, 2015, p. 373). Mas qual tipo de linguagem será capaz de exprimir, adequadamente, todos os elementos teóricos: as estruturas e o universo do discurso ilimitado? Bem, é sobre isso que refletiremos no tópico seguinte.

## 2 A linguagem empregada na sistemática-estrutural

A linguagem emerge como elemento central no empreendimento teórico-filosófico, posto que nada pode ser teorizado sem que uma determinada linguagem entre em ação. Destarte, na estruturalidade dos componentes da linguagem podemos conceber a estruturalidade própria do objeto que ela articula.

A linguagem que *EeS* impõe é uma linguagem eminentemente expositiva e as sentenças declarativas têm uma função fundamental, dado que é por elas que um teórico é elevado ao universo do discurso. De fato, a concepção linguística que Puntel

---

<sup>6</sup> Respeitando os modos de exposição de cada filósofo, a formulação de Puntel lembra muito a distinção aristotélica entre o objeto formal e objeto material da Filosofia.

adota não é a pragmática ou a natural<sup>7</sup>, mas isso não quer dizer que a FSE elimine a dimensão ou o componente pragmático da linguagem, principalmente se entendermos pragmática como uma estrutura linguística da linguagem natural e comunicacional<sup>8</sup>. Desta maneira, conforme Puntel adverte, “é preciso considerar, porém, que nem a linguagem natural ou normal exclui totalmente o momento da exposição nem a linguagem filosófico-teórica a possibilidade da comunicação” (EeS, p. 494). Todavia, podemos evidenciar duas maneiras de compreender as diferenças elementares entre a linguagem na sua forma comunicacional e expositiva (EeS, p. 494, 495).

No plano da determinação linguística natural, a comunicação é objetivamente o fim para o qual se direciona a linguagem. Isso implica que o fator determinante deste processo é o diálogo que denota o âmbito intersubjetivo.

A autonomia da linguagem expositiva, que é a linguagem filosófica em sentido estrito, aceita apenas sentenças declarativas, pois o que está em jogo numa linguagem teórica é que não se faz necessária a referência a sujeitos, porque seu objetivo é a “coisa” e não prioritariamente a comunicação. Nesta linguagem a dimensão expositiva visa simplesmente elevar/articular a coisa de que se trata numa teoria ao espaço das razões; este nível é o espaço da articulação teórica do objeto tematizado por um teórico. Dessa maneira, alguém que, ao se deparar com a teoria articulada no espaço das razões, entende o *modo de exposição da coisa*, transforma esse modo expositivo da coisa, realizado por um teórico, em um *modo expositivo da coisa para* ele que compreendeu a teoria expressada<sup>9</sup>.

Tudo o que aparece e vale como conteúdo conceitual teórico é articulado ou está em conexão com a linguagem filosófica que é expositiva, isso merece algumas

---

<sup>7</sup> O argumento que rejeita este critério linguístico como teoricidade será exposto quando discutirmos questões relativas à semântica e a ontologia rejeitadas pelo autor de *EeS*, contudo, podemos afirmar de imediato que as formas sintático-linguísticas das linguagens naturais ou normais não dão conta de elucidar a dimensão da teoricidade concebida por Puntel.

<sup>8</sup> Para Puntel podemos constatar três planos de determinação da linguagem, a saber: 1. contextual; 2. pragmático; 3. semântico. “Aqui se presume que os três planos estejam inter-relacionados de tal modo que a determinação linguística contextual-cotidiana pressupõe a pragmático-linguística e esta, por sua vez, pressupõe a determinação linguística semântica. Inversamente, a determinação linguística semântica não pressupõe os outros dois planos, nem a determinação pragmático-linguística pressupõe a contextual-cotidiana” (EeS p. 201). A assunção destas palavras leva-nos a enxergar a determinação semântica como a dimensão fundamental da linguagem. No próximo sub-tópico isso será devidamente fundamentado e explicado, aqui vale apenas enfatizar a ideia de que a pragmática não é eliminada; ela apenas não tem primazia na teoricidade dado que esta aceita somente sentenças expositivas, isto é, teóricas.

<sup>9</sup> É por possibilitar a compreensão de outros sujeitos que a linguagem filosófica não elimina de modo absoluto a comunicação, mas esta só aparece de modo marginal aos interesses desta linguagem.

considerações. Em primeiro lugar, vale salientar que a linguagem expositiva não é um mero instrumento subjetivo de exposição dos conteúdos conceituais que, de alguma maneira, existem ou possuímos de modo apriorístico independente da própria linguagem.

Em segundo lugar, temos exposto intencionalmente até aqui, à guisa de Puntel é claro, que a articulação sempre é articulação conceitual de algo, de alguma coisa e não apresentação de conteúdos conceituais autônomos. A assunção desta concepção implica que os conteúdos conceituais não existem sem articulação linguística, ao contrário, esta articulação é um momento constitutivo dos próprios conteúdos conceituais (Cf. EeS, p. 226)<sup>10</sup>.

Por fim, em terceiro lugar, assumir que entre conteúdos conceituais teóricos e articulação linguística existe uma relação íntima, implica assumir que a dimensão semântica exerce aí um papel fundamental, porque quando expressões linguísticas são usadas significativamente, então há uma relação à alguma coisa; nesse sentido, as expressões designam ou exprimem alguma coisa.

Em todo caso, ao estruturar o conteúdo conceitual linguisticamente, estabelecemos seu significado semântico o que desemboca na afirmação sustentada por Puntel de que é “só na dependência das estruturas semânticas que as estruturas formais e ontológicas podem começar a ser compreendidas e definidas” (EeS, p. 227). Estas considerações nos permitem chegar a três conclusões:

- i) Por meio da linguagem filosófica, que difere da linguagem natural, elevamos nosso objeto ao espaço das razões e elucidamos a compreensão teórico conceitual do objeto que tínhamos em vista teorizar.
- ii) Os conteúdos conceituais a partir dos quais uma teoria vem à tona, emergem em estrito relacionamento com a sua articulação linguística, a forma linguística tem assim uma importância central e decisiva para a caracterização do discurso, para assumirmos um critério linguístico de teoricidade é preciso investigar minuciosamente os momentos estruturais centrais desse discurso. (Cf. EeS, p. 118).

---

<sup>10</sup> É importante deixar claro que o exposto não assume nem de longe que os conteúdos conceituais se reduzem a entidades linguísticas, mas, antes que é pela esfera linguística que o teor conceitual se manifesta quando nos damos conta de que o temos. (Cf. EeS, p. 211-214).

- iii) A dimensão semântica é compreendida como aquela dimensão que detém o elemento central da linguagem, pois nela se revela o caráter expressivo: a linguagem é sempre linguagem de algo (mundo), e o mundo é sempre o mundo que se expressa na articulação linguística (OLIVEIRA, 2014, p. 221).

Dito isto, podemos observar como a *FSE* está solidificada numa linguagem filosófica relacionada com uma semântica fundamentalmente adequada e consistente. A semântica que decorre das posições sustentadas parece possuir um caráter realista, mas como este predicado é passível de muitas compreensões e ambiguidades, é preferível dizer que esta semântica possui uma orientação ontológica (Cf. *EeS*, p. 245).

Por meio deste direcionamento genuinamente ontológico, esta semântica se contrapõe a todas as formulações semânticas que negligenciam a referência ontológica da linguagem. O entrelaçamento de semântica e ontologia constitui o ponto decisivo da linguagem e da arquitetura erguida em *EeS*. Nas palavras de Puntel:

É preciso mencionar e ressaltar uma última característica da semântica a ser desenvolvida aqui: semântica e ontologia estão entrelaçadas da maneira mais íntima possível, e isto no sentido forte de que elas constituem os dois lados de uma e mesma moeda. Essa tese fundamental resulta da adição de certas premissas a partir da posição central que a linguagem possui para a filosofia ou para toda empresa teórica (*EeS*, p. 246.).

Nossa tarefa agora é mostrar como Puntel concebe os caracteres básicos desta semântica e – por estar intimamente relacionada a ela – desta ontologia por ele elaboradas e sustentadas.

### **3 Semântica e Ontologia: os dois lados da mesma moeda**

Para começar a falar, Puntel desenvolve uma semântica e uma ontologia genuínas em *EeS*. Essa tarefa se mostrou decisiva porque a semântica composicional e a ontologia a ela associada desembocava em uma série de problemas que as tornavam ininteligíveis. Para efeito de objetividade, nesse artigo iremos apenas pressupor essa crítica indicada, pois apresentá-la aqui extrapolaria e muito os objetivos de nossa reflexão.



Na sua forma mais precisa, a semântica tem a ver com a interpretação de uma linguagem, a qual estabelece, em primeiro lugar, o sentido das diversas expressões linguísticas, e, em segundo lugar, a referência dessas mesmas expressões (BRANQUINHO; MURCHO; GOMES, 2006, p. 695).

Anteriormente, referimo-nos à ideia de que a semântica defendida por Puntel poderia ter o predicado de *realista*, mas preferimos, a seu modo, chamá-la *semântica ontologicamente orientada*.

A incontestável referência semântica ao mundo já é em si mesma uma alegação ontológica, todavia, cabe-nos especificar o que devemos compreender no componente central nesta alegação, a saber, mundo, pois a sua delimitação conceitual nos dará as bases para compreender a orientação fundamental de uma semântica e de uma ontologia estruturais<sup>11</sup>.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que a estrutura categorial do mundo é captada pela única categoria ontológica denominada fato primo (Cf. EeS, p. 276). Wittgenstein alegava, em seu *Tractatus*, que fato é a existência de estados de coisas, ou seja, é o que ocorre (WITTGENSTEIN, 2001, p. 27).

A ontologia da FSE é derivada da semântica contextual e reconhece como entidade tudo que pode ser expressável pela linguagem, isto é, conceitos, relações, eventos, estruturas formais (lógico-matemáticas), enfim, toda a dimensão teórica deve ser ontologizada: conhecimentos, teorias, ciências e a própria filosofia somente são compreendidas adequadamente e desenvolvidas se aceitarmos que toda a dimensão teórica tem uma face ontológica; o alcance disso, em larga escala, significa que não só os sujeitos cognoscentes, os teóricos, mas, também, toda a dimensão teórica conceitual deve ser vista como parte da natureza, do mundo, do universo, do Ser como tal em seu todo (Cf. EeS, p. 535-536)<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Vale evidenciar que Puntel distingue entre *mundo* e *Mundo*. O primeiro diz respeito à dimensão entendida como a totalidade que abarca todos os entes objetivos e que, todavia, não inclui em si toda a dimensão estrutural da realidade, do Mundo ou do Ser. O segundo é evidenciado pelo que Puntel chama de “ser primordial”, pois uma vez que as dimensões estruturais e objetivas se relacionam é preciso pressupor uma unidade fundamental que a possibilite, daí o termo *Mundo* é a dimensão que abrange a dimensão estrutural e o mundo. (Cf. OLIVEIRA, 2014, p. 259). Observemos que quando se fala de sistemática do mundo, estamos nos referindo a *mundo*. Foi a confusão dessas assunções que levou Imaguire a más compreensões do que Puntel entende por totalidade do real. (Cf. IMAGUIRE, 2008, p. 287-291). A má compreensão foi denunciada por Puntel. (Cf. PUNTEL, 2013, p. 59).

<sup>12</sup> A afirmação sinonímia de natureza, mundo, universo e Ser, presente nesse trecho, será abandonada posteriormente quando abordarmos a dimensão do mundo. Por hora, podemos sem problemas tomar esses conceitos como sinônimos.

O mundo, que aqui é a dimensão ontológica, deve ser apresentado de duas maneiras gradativas: primeiro é entendido como exprime a segunda sentença do *Tractatus* de Wittgenstein: “O mundo e o conjunto dos fatos, não das coisas” (WITTGENSTEIN, 2001, p. 135); depois, com uma alteração que, segundo Puntel, torna mais preciso o alcance teórico da formulação anterior: “O mundo é a totalidade dos fatos primos como estruturas primas ontológicas expressáveis (não das coisas)” (EeS, p. 314). Mas, como são definidos conceitualmente os fatos primos? Puntel elucida a questão do seguinte modo:

[...] um fato primo simples não deve ser pensado como uma entidade isolada ou *atômica* num sentido absolutamente literal e negativo, “sem janelas”, e totalmente encapsulada; ele próprio é, antes, estruturado, e isto no sentido de que ele é *determinado* por uma rede de relações ou funções; dito de outro modo: ele é essa rede de relações ou funções.[...] por causa dessa determinidade ou justamente “estruturalidade” do fato primo simples pode e deve ser dito que o próprio fato primo simples é uma estrutura (ontológica) prima. “Estrutura” deve ser entendido agora não como *estrutura abstrata*, mas como *estrutura concreta*: como um fato simples determinado por uma rede de relações ou funções (EeS, p. 277).

Os fatos primos podem ser simples ou complexos, todavia o que vale é que estes fatos são estruturas ontológicas, mais exatamente estruturas primas ontológicas. As simples estruturas primas ontológicas são absolutamente as menores e mínimas estruturas, como um conjunto 0. Como tais, estas estruturas, tomadas isoladamente, representam uma abstração, o que não é o caso das estruturas concretas ou complexas as quais são configurações de fatos primos, ou seja, são fatos primos complexos<sup>13</sup>.

Reparemos que o marco inicial de Puntel são os dados, ou entidades originais que estão inseridos no universo do discurso, articulados em um primeiro momento como sentenças primas, as quais exprimem proposições primas, e estas, se verdadeiras, são idênticas aos fatos do mundo. Proposições primas ou fatos primos simples não são nada mais que entidades primas individuais cujo único elemento que possuem é a relação a si mesmos e, desta maneira, estruturam apenas a si próprios como uma estrutura puramente abstrata.

---

<sup>13</sup> Estrutura pode ser entendida conforme as elucidações de Puntel das seguintes maneiras: a) puras ou abstratas, b) específicas ou concretas. Este tema será tratado com profundidade mais à frente quando abordarmos o conceito *estrutura*.

Por sua vez, proposições primas complexas e fatos primos complexos são configurações de fatos primos simples e de proposições primas simples. As entidades originais que povoam o mundo nada mais são do que configurações de fatos primos e, no sentido acima referido, essas entidades devem ser também denominadas de acordo com a configuração das proposições primas (Cf. EeS, p. 222; 276). Aqui, semântica e ontologia já se mostram intimamente interligadas.

#### 4 A modo de conclusão

Como uma conclusão preliminar de nossa reflexão empreendida nesse artigo podemos retirar a ideia de que quando um teórico se propõe a compreender um determinado aspecto do mundo, teorizar um segmento da realidade ou, ainda, inteligir as estruturas do real ele realiza tal empreendimento por meio de uma linguagem. Assim, se vê forçado a exprimir de qual linguagem lançará mão para dar conta do seu objeto de pesquisa. Ao determinar os aspectos dessa linguagem e observar seus componentes irrenunciáveis, compreende que os caracteres semânticos dessa dada linguagem correspondem sempre ao aspecto ontológico do mundo e, por isso, não pode renunciar a um desses aspectos sem renunciar o outro. Isto significa que, caso ele queira renunciar o aspecto ontológico, também renunciará o aspecto semântico e, desse modo, a linguagem, e com ela sua própria teoria.

#### Referências

BRANQUINHO, João; MURCHO, Desidério; GOMES, Nelson G. **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DAVIDSON, D. **Epistemology and truth**. In: *Subjective, intersubjective, objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001.

HERRERO, Javier F. Ser e Deus na Filosofia sistemático-estrutural de Puntel. **Síntese** - Revista de Filosofia, v. 39, n. 124 (2012): 205-236.

IMAGUIRE, Guido. **Resenha**: PUNTEL, L.B. 2006. *Struktur und Sein, Tübingen: Mohr Siebeck*. Tübingen, Mohr Siebeck, 687 p. In: *Filosofia Unisinos*, 9 (3):284-292, set/dez 2008.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **A Ontologia em debate no pensamento contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2014.

PUNTEL, Lorenz B. **A filosofia como discurso sistemático. Diálogo com Emmanuel Tourpe sobre os fundamentos de uma teoria dos entes, do Ser e do Absoluto**. Tradução: Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

PUNTEL, Lorenz B. **A Filosofia e a questão de Deus: um novo enfoque sistemático**. Síntese, Belo Horizonte, v. 42, n. 134, 2015, pp. 365-395.

PUNTEL, Lorenz B. **Análise crítica do pensamento fenomenológico de Jean-Luc Marion**. São Paulo: Loyola, 2016.

PUNTEL, Lorenz B. **C. Cirne-Lima e sua rejeição do “Deus de católicos e protestantes” e afirmação do “deus imanente dos místicos” - um exame crítico das suas críticas e interpretações decorrentes do seu sistema neoplatônico-neohegeliano**. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 36, n. 114, 2009. p. 48.

PUNTEL, Lorenz B. **Em busca do objeto e do estatuto teórico da filosofia: estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica**. Tradução: Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e Ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**. Tradução: Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2008. [Original: **Ein Theorierahmen für eine systematische Philosophie**. Tübingen, Mohr Siebeck 2006.]

PUNTEL, Lorenz B. Filosofia e Teologia: como pensar sua distinção e sua unidade. *In: Anais do XII Simpósio Internacional Filosófico-Teológico – Filosofia e Teologia: relações e tensões*.

PUNTEL, Lorenz B. **Metaphysics: A traditional Mainstay of Philosophy in Need of Radical Rethinking**. In: *Review of Metaphysics*, v. 65, 2011. 299-319.

PUNTEL, Lorenz B. O Conceito de categoria ontológica: um novo enfoque. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 104, dez./2001, pp.7-32.

PUNTEL, Lorenz B. Observações críticas sobre uma resenha de Guido Imaguire da obra: *Estrutura e ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática*. **Síntese Revista de Filosofia** v. 40, n. 126, 2013, p. 43-72.

PUNTEL, Lorenz B. O pensamento pós-metafísico de Habermas: uma crítica. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 40, n. 127, 2013. Pp. 173-223.

PUNTEL, Lorenz B. **Ser e Deus. Um enfoque sistemático em confronto com M. Heidegger, É. Lévinas e J. -L. Marion**. Tradução: Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2011.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução, apresentação e estudo introdutório: Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001 [*Trabalho original publicado em 1921*].

Artigo recebido em: 09/05/2021.  
Artigo aprovado em: 16/05/2021.